

A Natureza do Apocalipse: Apocalíptica?

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O livro do Apocalipse é frequentemente tratado como um exemplo do gênero “apocalíptico” de escritos que floresceu no meio dos judeus entre os anos 200 a.C e 100 d.C. Não há base para essa opinião de forma alguma, e é lamentável que até mesmo se use a palavra *apocalíptico* para descrever esse tipo de literatura (Os próprios escritores do “apocalíptico” nunca usaram o termo nesse sentido; antes, os estudiosos roubaram o termo de São João, que chamou seu livro de “O *Apocalipse* de Jesus Cristo”. Há, de fato, muitas diferenças entre os escritos “apocalípticos” e o livro de Apocalipse.

Os “apocalipsistas” expressavam-se em símbolos inexplicáveis e ininteligíveis, e geralmente não tinham nenhuma intenção de fazerem-se realmente entendidos. Seus escritos são abundantemente pessimistas: nenhum progresso real é possível, nem haverá qualquer vitória para Deus e o seu povo na história. Não podemos nem mesmo ver Deus agindo na história. Tudo que sabemos é que o mundo ficará cada vez mais pior. O melhor que podemos fazer é esperar o Fim – em breve. Ferrell Jenkins escreve: “Para eles as forças do mal tinham aparentemente controle na presente era e Deus agiria somente no Tempo do Fim”.² (Isso deveria soar familiar). Sentindo-se impotente com a presença do mal inexorável, o apocalipsista “poderia portanto ceder às mais loucas especulações... ele tinha cancelado este mundo e suas atividades, de forma que nem sequer tentava seriamente fornecer soluções viáveis aos seus problemas”.³ O resultado prático foi que os apocalipsistas raramente se preocupavam com o comportamento ético: “Em última instância, seu interesse estava na escatologia, e não na ética”.⁴

A abordagem de São João em Apocalipse é vastamente diferente. Seus símbolos não são divagações obscuras produzidas por uma imaginação febril; eles estão fundamentados firmemente no Antigo Testamento (e a razão de sua *aparente* obscuridade é esse próprio fato: Temos problemas em entendê-los somente porque não conhecemos nossas Bíblias). Em contraste com os apocalipsistas, que haviam renunciado a história, “João apresenta a história como a cena da redenção divina”.⁵ Leon Morris descreve a cosmovisão de São João: “Para ele a história é a esfera na qual Deus realizou a redenção. O que é realmente crítico na história da humanidade já aconteceu, e aconteceu aqui, nesta terra, nos assuntos dos homens. O Cordeiro ‘como imolado’ domina o livro inteiro. João vê a Cristo como vitorioso e como tendo ganho a vitória por meio de sua morte, um evento na história. Seu povo partilha do seu triunfo, mas derrotaram a Satanás somente “pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com.

² Ferrell Jenkins, *The Old Testament in the Book of Revelation* (Grand Rapids: Baker Book House, 1976), p. 41. O livro de Jenkins é uma breve e excelente introdução ao pano de fundo e simbolismo bíblico de Apocalipse.

³ Morris, p. 71.

⁴ Ibid., p. 60.

⁵ Jenkins, p. 41.

testemunho” (Ap. 12:11). O pessimismo que atrasa a atividade salvadora de Deus até o Fim está ausente. Embora João pinte o mal realisticamente, seu livro é fundamentalmente otimista.⁶

Os apocalipsistas diziam: *O mundo está chegando ao seu fim: Desistam!*
Os profetas bíblicos diziam: *O mundo está chegando ao seu princípio: Ponham-se a trabalhar!*

Assim, o livro do Apocalipse não é um tratado apocalíptico; em vez disso, como o próprio João nos lembra repetidamente, ele é uma *profecia* (1:3; 10:11; 22:7, 10, 18-19), em completa harmonia com os escritos dos outros profetas bíblicos. E – novamente em completo contraste com os apocalipsistas – se havia uma preocupação maior entre os profetas bíblicos, era o da conduta ética. Nenhum escritor bíblico jamais revelou o futuro meramente para satisfazer a curiosidade: O objetivo sempre foi dirigir o povo de Deus para uma ação correta no presente. A maioria esmagadora das profecias bíblicas não tinha nada a ver com o conceito errôneo e comum de “profecia” como previsão do futuro. Os profetas falavam do futuro somente para estimular uma vida piedosa. Como escreveu Benjamin Warfield: “Devemos tentar conservar fresco em nossas mentes o grande princípio de que toda profecia é ética em seu propósito, e que este fim ético controlava não somente o que seria revelado em geral, mas também os detalhes dele, e a própria forma que tomava”.⁷

“Nenhum escritor bíblico jamais revelou o futuro meramente para satisfazer a curiosidade.”

O fato que muitos dos que estudam os escritos proféticos hoje estão interessados em encontrar possíveis referências a viagens especiais e armas nucleares, ao invés de descobrir os mandamentos de Deus para a vida, é um tributo repugnante a uma fé superficial e imatura. “O testemunho de *Jesus* é o espírito da profecia” (Ap. 19:10); ignorar a *Jesus* em favor das explosões atômicas é uma perversão da Escritura, uma deformação blasfema da santa Palavra de Deus. Do princípio ao fim, São João está intensamente interessado na conduta ética dos seus leitores:

Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo. (1:3)

Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes. (16:15)

Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. (22:7)

Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro. (22:14)⁸

Fonte: *The Days of Vengeance*, David Chilton, p. 25-27

⁶ Morris, p. 79.

⁷ Benjamin B. Warfield, “The Prophecies of St. Paul”, em *Biblical and Theological Studies* (Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1968), p. 470.

⁸ Na versão utilizada pelo autor: “Bem-aventurados aqueles que praticam os seus mandamentos”. (Nota do tradutor)